



Arte sobre foto de Marcos Santos

# **Alma migrante**

*Plinio Montagna*

## resumo

A partir do termo “alma”, utilizado originalmente na obra de Freud, o artigo discute a migração humana em seus componentes intra e interpúísicos, aspectos identitários e as ansiedades despertadas em processo de potencial traumático podendo levar a experiências de despersonalização e desrealização. As migrações apresentam a necessidade de elaborar lutos. A resiliência psicológica significa poder retornar ao modo de ser em outro espaço. O artigo se pauta, além de Sigmund Freud, em contribuições de importantes autores da psicanálise, como Melanie Klein, Wilfred Bion, John Wisdom, Leon Grinberg e Rebecca Grinberg, Nicole Berry, Salmon Akhtar.

**Palavras-chave:** migração; identidade; eu; objeto; trauma.

## abstract

*Drawing on the word "soul", used originally in the work of Freud, this article discusses human migration in its intra-psychic and interpsychic components, identity-related aspects and the anxiety brought about in a potentially traumatic process which can lead to experiences of depersonalization and derealization. Migrations give rise to the need for elaborating mourning. Psychological resilience means being able to return to the way of being in another space. Besides Sigmund Freud, this article also relies on contributions from important authors on psychoanalysis, such as Melanie Klein, Wilfred Bion, John Wisdom, Leon Grinberg and Rebecca Grinberg, Nicole Berry, Salmon Akhtar.*

**Keywords:** migration; identity; self; object; trauma.

A

palavra “alma”, sede incorpórea do ser, cerne de sua sensibilidade, tão prenehe da própria qualidade humana, frequentemente é esquecida, até mesmo abandonada pela psicanálise e áreas afins, desde que James Strachey publicou *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, traduzida do alemão para o inglês. Habituo-nos tanto ao uso do termo “mente” no dia a dia, a partir do vocábulo *mind* utilizado por Strachey, como tradução do alemão *seele*, que omitimos a lembrança de que Freud utilizou em toda a sua obra o vocábulo alemão *seele* (“alma”) como tradução do grego *psyquê*. Ainda que, mencione-se, tivesse mantido o original grego nomeando a psicanálise como tal, e não análise da alma. Quer seja utilizada como princípio espiritual do homem, em contraste com o corpo biológico, quer seja aplicada como sinônimo de indivíduo, a própria sonoridade da palavra ecoa como um convite à consideração do inefável, do trans-

cedente da condição humana, conversação no âmbito da metafísica, ou das metáforas. De sublime leveza, a palavra “alma” nos remete ao reino do incorpóreo, do ascético, espiritual, religioso, em nosso idioma.

Em alemão, *seele* carrega mais estritamente a conotação de princípio de vida, afetividade (Hanns, 1996).

De modo geral, nos idiomas latinos o vocábulo “alma” (âme, anima, alma) não deixa de sugerir a tradição religiosa do cristianismo. *Seele* não coincide, precisamente, com a *anima* latina, porém *seele* pode também se referir, do mesmo modo que “alma”, a algo interior mais fundamental, o âmago: a alma de um grupo, de um movimento (conotações também existentes nos idiomas latinos). A leveza do termo nos transporta

---

O título deste trabalho me foi sugerido pelo grupo Diálogos Interculturais do Instituto de Estudos Avançados da USP, ao ser convidado a proferir palestra em 2014.

---

**PLINIO MONTAGNA** é psicanalista didata e docente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), da qual foi diretor científico e presidente.

à conhecida historieta chinesa: Chuang-Tzu sonhou que era uma borboleta. Ao despertar, ignorava se era Tzu que havia sonhado que era uma borboleta ou se era uma borboleta e estava sonhando que era Tzu. Essa fantasia metafísica sobre a identidade nos faz vislumbrar um sujeito escorregadio, lábil, de certo modo fugidivo e líquido (Arrigucci, 1998), propondo múltiplas perspectivas de percepção de nossa configuração, enquanto atores do nosso fazer psíquico, físico e social. A brincadeira enigmática que contém insinua uma contradição identitária insolúvel, carrega uma impossibilidade absoluta que, no entanto, se dissipa quando a olhamos pela lógica do sonho ou do inconsciente, em que podemos ao mesmo tempo ser Tzu ou borboleta, ou ambos. Porque o inconsciente, regido pelo processo primário, sob a égide do princípio do prazer, em que predominam condensações e deslocamentos, é atemporal e ignora contradições. As coisas podem ser e não ser ao mesmo tempo, é possível ser um e muitos, em muitos lugares e em lugar nenhum.

Somos, a rigor, compostos de múltiplos eus. Como poetou Mário de Andrade, “eu sou trezentos, sou trezentos e cinquenta” (Andrade, 1929); estejam esses eus em sintonia, cooperação ou conflito entre eles, somos constituídos por eus parciais, resultantes de introjeções de partes do mundo externo, partes estas que configuramos internamente de modo pessoal e particular, formando assim o nosso mundo interno. Neste encontramos uma realidade própria que Freud chamou de realidade psíquica. A escola kleiniana, posteriormente, propôs que ela é composta com os chamados objetos internos. Estes são imagens mentais e emocionais de algo – um objeto – externo que foi internalizado no *self*.

Ou, dito de outro modo, denotam a experiência de elementos parciais introjetados no *self* que, dentro dele, “possuem seus próprios motivos e intenções para com o conjunto do eu, e os demais objetos internos, com os quais interagem” (Hinshelhood, 1992).

Saliente-se que essa introjeção pode ser, no dizer de Wisdom (1962), nuclear ou orbital. Será nuclear quando o elemento exterior internalizado integrar o próprio núcleo, a parte primordial e essencial do eu, transformando-o essencialmente, agora com a recém-incorporada aquisição. Será orbital quando se situa ex-centricamente, fora da parte central do eu, orbitando em relação a esta. A imagem que esse autor utiliza é de um átomo com os elétrons, orbitais, girando ao redor do núcleo. Esses objetos orbitais internalizados funcionariam como elementos superegoicos, não fazendo parte da verdadeira e essencial composição central do eu.

É relevante retermos a perspectiva de que a introjeção do mundo externo, as incorporações pelas quais compomos nosso ser e nossa identidade, dá-se por meio de um filtro subjetivo muito particular, o que implica que cada um de nós introjeta o mesmo elemento da realidade externa de modo particular, único e pessoal. As neurociências demonstram que cada percepção é matizada por elementos pessoais, ou seja, representacionais. Não há uma percepção absolutamente pura e universal. Os objetos internos como personagens de um teatro interior, cada um com maior ou menor autonomia e preponderância, formam um elenco cujo conjunto é regido por um diretor: o eu, e compõem um conjunto maior que corresponde ao Eu.

Assim, o eu é o diretor dos personagens no palco de seu mundo, que, no teatro da

intimidade, tem sua trama urdida de acordo com sua experiência emocional na relação com o mundo externo, pessoas e situações significativas. O Eu terá maior ou menor contato com seus personagens internos, mais ou menos intimidade com eles, os quais foram criados a partir de transformações próprias das internalizações de relações significativas que constituíram suas vivências. Podemos dizer que o eu é o maestro de seus músicos, os objetos internos. E que cada configuração é inteiramente individual.

Um grupo visita uma tribo indígena do Pantanal. Caminham pela mata, na companhia de um indígena. Descontinuam a jornada para o exame de algumas árvores, aproveitam para descansar, sentados num tronco. Logo querem retomar o passo e chegar ao destino combinado. Levantam-se, mas o índio não se move. Ao ser convidado a continuar a jornada, o índio responde: “Preciso ainda sentar para esperar minha alma chegar”. Para o indígena a concreta dissociação entre alma e corpo, a enunciar o seu dualismo, se explicita nesse descompasso entre seu corpo e alma, mas que se pode pensar existir entre quaisquer diferentes aspectos internos, entre seus diversos eus participantes do mundo interior, de seu Eu unificado. Quando ele enuncia a dicotomia alma/corpo, precisa esperar o tempo de acomodação de sua alma, esperá-la chegar, expõe também a temporalidade psíquica (*kairós*) diversa da temporalidade cronológica, bem como expande a espacialidade psíquica, ampliando-a até um espaço que transpõe sua corporalidade.

Por um lado, estão em jogo, por exemplo, integração e dissociação psíquicas. Por outro, metaforicamente, a frase contém uma apropriada percepção, por parte do índio, de seu

estado de mente, apresenta pontos relevantes às questões psicológicas e psicossomáticas dos movimentos migratórios humanos.

Nossa identidade<sup>1</sup> se plasma no contato com o outro, se configura e reconfigura na interação com seu entorno, conforme suas circunstâncias e variações nas relações humanas e elementos não humanos. A obra de Bion mostra o quanto é importante encontrar um recipiente para nossos impulsos ou, como aponta Berry (1987, p. 215), “nossos transbordamentos pulsionais, uma reserva onde derramar nossos afetos”. Nessa interação surgem questões relacionadas à sua essência, comportamentos diante de mudanças ambientais, limites tolerados de mudanças ambientais, a partir dos quais alterações desvantajosas podem nela sobrevir.

Para Berry, pode-se ter que o enraizamento num lugar e a possibilidade de aí retornar parecem essenciais à constituição do sentimento de identidade. “Uma base onde levantar andaimes, um refúgio onde recolher consolo, uma morada onde viver, em surdina, os passos lentos ou precipitados do tempo[...]” (Berry, 1987, pp. 216-7). Ela sugere que os lugares revisitados, redescobertos, revelam àquele que retorna, apesar das transformações, a identidade de seu ser<sup>2</sup>.

---

1 Refiro-me aqui à identidade como o sentir-se a si próprio como uma individualidade própria e única, capaz de permanecer a mesma, com continuidade, diante de mudanças e, como aponta Mijolla (2002, p. 908), a soma das representações que cada um tem de si próprio. Note-se que há autores que atribuem à identidade a prioridade e importância que Freud atribuía à pulsão sexual (Grinberg & Grinberg, 1971).

2 Alcançar a identidade é um processo ativo, não conferido automaticamente pela idade ou experiência. Os que não se envolvem ativamente nesse processo estão sujeitos a um estado de insegurança em relação a si mesmos e a seu lugar na sociedade.

As mudanças relacionadas a desenvolvimento, ou as sociais, podem resultar naquilo que se chama usualmente de crises de identidade, pontos cruciais de encruzilhada que funcionam como fonte de desorganização pessoal ou de desenvolvimento, dependendo de circunstâncias, qualidade do estímulo, qualidade da resposta e, em última instância, da resiliência de cada um. Migrações eventualmente oferecem importante material para condições de efetiva desorganização mental, com grande potencial traumático. Quem migra está presente no novo espaço, no novo tempo. Não necessariamente sua alma acompanhou seu corpo. Qualquer mudança mobiliza dispositivos de integração/dissociação corpo/alma, incluindo as mudanças que se dão no mundo interno do indivíduo.

Leva algum tempo, após a mudança, para alguém se reconhecer, se apropriar do novo eu. Isso está sujeito a diversos fatores, do indivíduo e do grupo.

Uma tarefa contínua ao longo de todo o percurso da vida é trabalhar os desafios impostos pelas inevitáveis mudanças e migrações de toda ordem pelas quais passamos. O desenvolvimento emocional representado se dá ao longo do trajeto entre as diversas etapas da libido humana. Migramos de uma fase oral para a anal, depois fálica e genital, como propôs Freud. Importante dizer que mesmo em etapas posteriores persistem elementos de fases anteriores, de modo que, em certas circunstâncias, podemos sofrer uma regressão. Atravessamos a infância, adolescência, juventude, idade adulta, maturidade e velhice. Todos esses passos implicam a elaboração de luto pelo que ficou perdido, requisito indispensável para que nos apro-

priemos dos aspectos positivos, dos ganhos de cada nova condição.

Quando for possível o trabalho interno do luto de cada objeto ou de cada relação significativa, novos passos podem ser dados. Além de outros obstáculos ao avanço a novas posições, uma força contrária, que Freud chamou de *adesividade da libido*, que se liga a uma posição e não a abandona, dificulta também as mudanças.

## **SOBRE AS MIGRAÇÕES**

Temos efeitos universais das migrações sobre os indivíduos, temos efeitos que dependem das condições que circundam o movimento migratório, temos efeitos absolutamente individuais, que dependem, dentro de seus contextos, das reações absolutamente singulares de cada migrante.

Lembremos que:

*Cada ser humano é igual a todos os seres humanos,  
é igual a alguns seres humanos,  
é igual a nenhum outro ser humano.*

Nossos conhecimentos e pesquisas se dirigem a cada homem, a grupos de homens e à sociedade.

Migrações acompanham o ser humano desde o início de sua existência, a rigor precedem a ela; assim como as migrações animais, em grupo, as migrações humanas são essenciais para a sobrevivência da espécie. Posteriormente, com o domínio do fogo, dos instrumentos e da agricultura, o homem pôde se instalar de modo menos nômade, ainda que essa chama pudesse ter persistido. Elas foram e são fundamentais na formata-

ção da humanidade e de muitos de nossos comportamentos.

Lembremos, também, que miticamente a migração se faz presente no primeiro momento da criação da humanidade. A primeira migração teria sido a de Adão e Eva, conforme a Bíblia. Movidos pela curiosidade, eles penetraram em área proibida do Paraíso, encontraram a árvore do conhecimento, comeram do fruto proibido e foram punidos com a expulsão, perdendo todas as benesses que tinham. Esse foi o subproduto do primeiro ato de livre-arbítrio do ser humano. Sob essa ótica, somos todos exilados do mundo ideal. E a busca desse paraíso perdido, recriado nas fantasias individuais e coletivas, já motivou muitas procuras, tantas utopias... Ainda nesse âmbito, um migrante e exilado ilustre foi Édipo, cujo mito ocupa uma função estruturante fundamental no psiquismo humano.

As condições de uma migração dependem do significado e da importância daquilo que foi deixado para trás, da idade do migrante, do grupo que o acompanha, da voluntariedade, ou não, do movimento migratório, de sua liberdade ou imposição, da livre escolha, ou não, do local de destino, se foi abrupta ou se existiu planejamento antecipatório, daquilo que pode ser levado para o novo sítio, da diferença entre a cultura de origem e a nova, da intensidade e tipo de ligação com o local de origem, incluindo ambiente físico, diferenças linguísticas e, também, receptividade do novo ambiente. E, fundamentalmente, dependem da resiliência do indivíduo. Dentre os elementos resilientes necessários estão a capacidade de suportar a separação e ter condições de realizar um trabalho intrapsíquico de luto satisfatório.

A combinação de todos esses fatores determina o quanto uma experiência migratória resulta fortalecedora ou traumática para cada um. Para alguns a migração é sempre traumática. O que podemos dizer é que existe um componente potencialmente traumático na migração. O trauma é um afluxo de estímulos que ultrapassa a capacidade dos mecanismos de defesa do eu, criando um estado de desorganização, que necessita ser recomposto por meio de mecanismos restauradores. Como já apontado, existe um enorme potencial de desorganização psíquica no deslocamento migratório. A desorganização egoica pode ser de diversos níveis e, às vezes, chega à psicose. Migrações constituem os assim chamados “eventos vitais”, fatores de risco para a saúde das pessoas, pelo *stress* que causam, pela ansiedade que levantam.

As ansiedades mobilizadas pela migração podem ser de vários tipos:

## Ansiedade de separação

Básica e onipresente na existência humana, manifesta-se a partir da constituição do eu enquanto entidade destacada do seu primeiro objeto, o objeto materno. As formas que o indivíduo encontra para lidar com ela modulam suas relações interpessoais, sua segurança, sua suscetibilidade egoica.

O que conta na migração é a capacidade de o migrante trabalhar internamente seu luto por tudo aquilo que deixou. Entendemos aqui o trabalho de luto como um conglomerado de processos favoráveis, ainda que dolorosos, que se desenvolvem em face da perda. Compreende a aceitação da realidade e sua resignificação. Implica a aceitação da vulnerabilidade humana relacionada à perda

e limitações próprias. A dor que o contato e a percepção dessa reação à perda é tão forte que, às vezes, impossibilita a pessoa de atravessar um processo de luto.

O trabalho de luto é necessário, pois nos permite renunciar a apegos e/ou atitudes que perderam sua utilidade, possibilitando o investimento em outros objetos, facilitando, assim, crescimento e desenvolvimento. Freud (1975b) define o resultado do luto: “A tarefa do luto é a de libertar do morto as memórias e esperanças do sobrevivente”.

A separação se dá em relação às pessoas e, também, ao ambiente e seus elementos, sejam objetos pessoais ou casa, e até mesmo paisagens, arquitetura e o que está à vista. O ambiente exterior pode funcionar como uma mãe, abrangente (Akhtar, 2007). Um exemplo disso é a busca de círculos familiares no novo ambiente, amigos da mesma origem – comunidades que se ajudam, uma forma de recriar aquilo que existia antes, mas em novos moldes. A constância no ambiente reassegura a sensação de segurança do indivíduo, entretece pilares de sua consciência, de como ele se reconhece, de sua identidade.

### **Ansiedade frente ao encontro com o novo e o desconhecido**

Relacionada, até certo ponto, à elaboração da anterior, implica a possibilidade do abandono de posições conhecidas para a aventura no desconhecido. Os excessos, que podem beirar a patologia, variam entre a necessidade básica de agarrar-se a algum objeto, na ilusão de que o contato seguro manterá o sujeito a salvo (ocnofilia), e a incapacidade de manter proximidade com o objeto, visto como ameaçador (filobatismo).

### **Ansiedade superegoica a respeito de lealdades e valores quando confrontados com os novos**

Toda mudança, na vida, implica deixar de lado elementos constituintes do sujeito, implica suportar a ação de abandonar aquilo que de algum modo deve ser abandonado. Alguns indivíduos não podem despojar-se absolutamente de nada, são conhecidos como “acumuladores”.

### **Ansiedade depressiva que ajuda o surgimento do luto em relação ao que foi deixado para trás e às partes perdidas do *self***

As ansiedades depressivas, no sentido kleiniano, implicam a consideração para com o objeto, seja o novo ou o deixado, e, até mesmo, para os objetos internos abandonados. Referem-se a movimentos reparativos, em que prevalecem os impulsos amorosos, construtivos.

### **Ansiedade confusional pela dificuldade de discriminação entre o velho e o novo**

Implica a desorganização do ego, a perda de suas funções de discriminar esses elementos, para a manutenção de um bom contato com a realidade, tanto a interna como a externa.

## **INTEGRAR**

O migrante deixa possessões pessoais, deixa seu entorno, seu ambiente, etc. Quando

a migração é voluntária o cenário é mais ameno, mas se ela é involuntária as perdas se revestem de maior intensidade emocional. Objetos com significado próprio, uma lembrança, um presente, podem se revestir do caráter de objetos intermediários de ligação com pessoas queridas. Se a migração é involuntária, como num exílio, as tensões emocionais podem ser maiores. O enfrentamento e a suplantação de períodos de desorganização pessoal, dor, frustração, se forem bem conduzidos, podem, evidentemente, trazer crescimento ao indivíduo.

Jerry Kozinski, escritor judeu polonês migrado para os Estados Unidos, autor da novela *O Pássaro Pintado*, conta que, quando criança, morava num bairro católico de Varsóvia, e por ser judeu foi espancado diversas vezes, sofria castigos e era torturado quando ocorriam desgraças com as quais não tinha nada a ver. Em certo momento o menino conheceu um caçador de passarinhos que usava uma armadilha para caçar aves que depois vendia aos povoados da Polônia. Ele mostrou o fenômeno que dá título ao livro. Quando apanhava um pássaro, o resto do bando voava de modo que antropomorficamente poderíamos chamar parecer um protesto do grupo, um clamor para que se libertasse o preso. Se ele libertava o pássaro,

este voltava a se unir aos outros e fugia. Mas, se antes de libertá-lo, ele pintasse o bico do pássaro de azul, ou uma asa de amarelo, ou a cabeça de verde, assim que ele se juntava a seus semelhantes estes lhe bicavam e arrancavam as penas, os olhos, lhe despedaçavam o corpo e ele morria em poucos instantes. A desgraça do pássaro é uma característica fundamental que compartilhamos, ao menos com alguns animais: a rejeição ao diferente, relacionada ao narcisismo das pequenas diferenças (Freud, 1975c).

O ser humano constitui-se a partir do outro, do diferente e, assim, ele afirma sua identidade. Para tornar-se sujeito, alguém deve amá-lo e investir nele. A necessidade do outro desperta sentimentos de amor e ódio, amor pela gratificação e ódio pela percepção da própria incompletude. Pelo vértice mais amplo da migração, em movimento contínuo de mudanças, internas e externas, destacamos nosso incessante movimento de nos ajustar a cada momento, a cada novo presente, único tempo em que efetivamente vivemos. Se considerarmos que a cada minuto somos outros, somos sujeitos cambiantes que ao passado não podemos voltar, temos que considerar que constituímos-nos todos, em quaisquer circunstâncias, como almas migrantes, sendo este um inexorável elemento da condição humana.

## BIBLIOGRAFIA

- AKHTAR, S. "Introduction", in M. T. S. Hooke; S. Akhtar (eds.). *The Geography of Meanings: Psychoanalytic Perspectives on Place, Space, Land, and Dislocation*. Londres, Karnac, 2008.
- ANDRADE, M. "Eu Sou Trezentos...", in M. Andrade. *Remate de Males*. São Paulo, Livraria Martins, 1929.
- ARRIGUCCI, D. "Teorias da Narrativa; Posições do Narrador", in *Jornal de Psicanálise*, 31 (57), 1998, pp. 9-43.
- BERRY, N. *O Sentimento de Identidade*. São Paulo, Escuta, 1991.
- FREUD, S. "Fixation to Traumas – The Unconscious. Lecture XVIII", in S. Freud. *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, vol. 16. Londres, Hogarth Press, 1975a, pp. 273-85.
- \_\_\_\_\_. "Luto e Melancolia", in S. Freud. *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. Londres, Hogarth Press, 1975b.
- \_\_\_\_\_. "On Narcissism", in S. Freud. *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. Londres, Hogarth Press, 1975c.
- GRINBERG, L.; GRINBERG, R. *Identidad y Cambio*. Buenos Aires, Kargieman, 1971.
- HANNS, L. *Dicionário Comentado do Alemão de Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1996.
- HINSHELHOOD, R. *Dicionário do Pensamento Kleiniano*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.
- KIEV, A. "Beliefs and Delusions of West Indians. Immigrants to London", in *British Journal of Psychiatry*, 109, 1963, pp. 356-63.
- KOSINSKI, J. *O Pássaro Pintado*. São Paulo, Abril Cultural, 1984.
- WISDOM, J. "Comparison and Development of the Psycho-Analytical Theories of Melancholia", in *International Journal of Psychoanalysis*, 43, 1962, pp. 113-32.